

JOSÉ MATTOSO



D. AFONSO HENRIQUES

© Pedro Lourenço



José Mattoso nasceu em 1933. Historiador especializado na história das ordens religiosas e da aristocracia nos séculos X a XIII. Autor da obra *Identificação de um País* (1985), de estudos medievais, entre os quais *A Nobreza Medieval Portuguesa* (1982), *O Reino dos Mortos na Idade Média* (1996) e *Naquele Tempo* (2009). Alguns destes estudos foram reunidos nas suas *Obras Completas*, editadas pelo Círculo de Leitores. Dirigiu várias obras colectivas (*História de Portugal*, 1993-1994; *História da Vida Privada em Portugal*, 2010-2011; *Património de Origem Portuguesa no Mundo*, 2010). Recebeu o Prémio Alfredo Pimenta em 1985 e o Prémio Pessoa em 1987. Foi diretor da Torre do Tombo entre 1996 e 1998. Entre 2000 e 2005 colaborou com o Arquivo Mário Soares na recuperação dos arquivos de Timor-Leste, o que lhe permitiu escrever o livro *A Dignidade. Konis Santana e a Resistência Timorense* (2005). Em 2012, publicou *Levantar o Céu – Os Labirintos da Sabedoria* e, em 2020, *A História Contemplativa*. Foi distinguido com o Prémio Árvore da Vida – Padre Manuel Antunes em 2019.

José Mattoso

D. AFONSO HENRIQUES



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

DIRECÇÃO:
ROBERTO CARNEIRO

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
ARTUR TEODORO DE MATOS
JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA

Em colaboração com
o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
da Universidade Católica Portuguesa

ISBN 978-989-644-716-8



9 789896 447168

DESIGN DE CAPA:
Bertrand Editora
DESIGN GRÁFICO:
Fernando Rochinha Diogo
REVISÃO TIPOGRÁFICA:
Fotocompográfica, Lda.
COMPOSIÇÃO:
Fotocompográfica, Lda.
FOTOMECÂNICA:
Fotocompográfica, Lda.
EXECUÇÃO GRÁFICA:
Bloco Gráfico
Unidade Industrial da Maia

© **Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos
e Culturas de Expressão Portuguesa**
© **Temas e Debates**

Temas e Debates é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

1.ª edição: Outubro de 2007

*Em memória de
Luís Krus*

Sumário

Introdução

Capítulo 1. A juventude de um predestinado

Lugares e tradições

O quadro familiar: o avô

O pai

A mãe

A conjuntura política e religiosa

Afonso Raimundes

O Aio

Alterações do cenário político

Portugal e a Galiza

Assédio muçulmano a Coimbra

Braga e Compostela

Os Travas

Afonso Henriques

O ambiente eclesiástico em 1120

Capítulo 2. Responsabilidades políticas

A aristocracia nortenha e os condes galegos

A investidura de Afonso Henriques como cavaleiro

O novo rei de Leão e Castela

O cerco de Guimarães

Revolta e tomada do poder

13

25

25

27

28

29

30

34

35

38

39

41

42

44

46

47

51

51

54

57

58

61

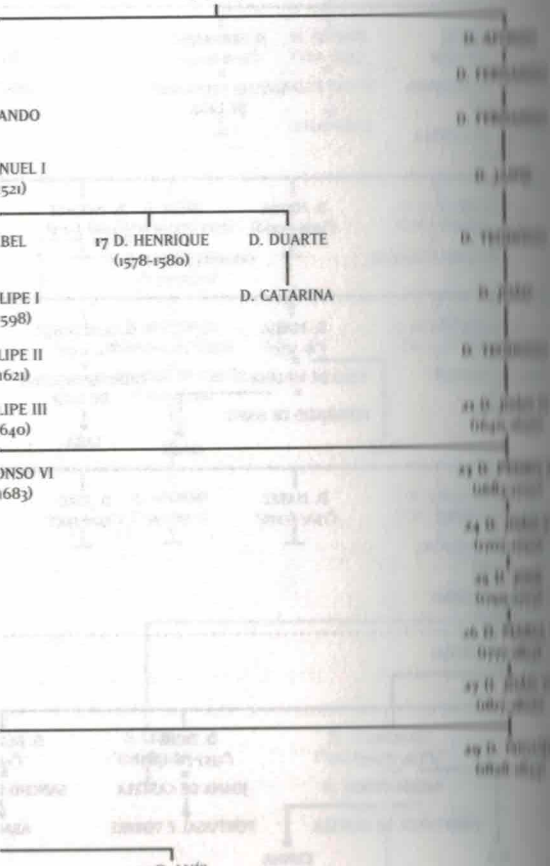
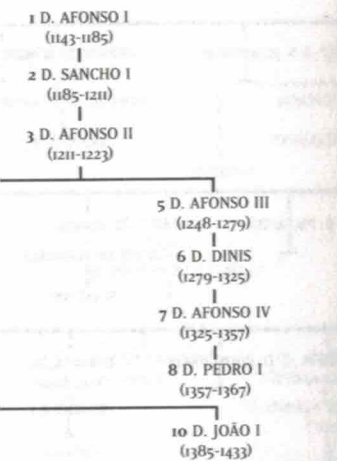
63

a	331
	334
	336
o militar	336
r	339
	341
	344
	346
	348
	348
	352
	353
	355
	357
	357
	359
	363
ncho	363
	366
	368
	372
	373
	377
	379
	388
	389
	395

Introdução

Não é preciso ser historiador profissional para perceber que não se pode traçar a biografia de uma personagem medieval sem uma grande dose de imaginação. Os dados documentais são quase sempre escassos e fragmentários. As informações fornecidas pelos textos narrativos encontram-se em autores que não se interessavam pelo comportamento pessoal dos seus protagonistas, mas pelo que eles representavam como símbolos de virtudes ou de vícios, como actores exemplares na luta entre o bem e o mal, como colaboradores de Deus na obra da salvação da humanidade, ou como seduzidos pelo demónio na sua cedência ao pecado. As acções dos santos tinham de ser sempre edificantes e miraculosas; as dos reis, sempre justas e heróicas; as dos súbditos, sempre esforçadas e obedientes. Por isso, os historiadores medievais não hesitavam em alterar a narrativa dos acontecimentos para melhor atingirem os seus objectivos. Manter a hierarquia dos valores, e, por isso, louvar ou censurar, era mais importante do que relatar o acontecido.

Não se pode, portanto, praticar história narrativa medieval sem reflectir sobre a própria legitimidade de tal projecto, sobretudo para os primeiros séculos da Idade Média portuguesa, e sem, depois, definir os problemas metodológicos decorrentes do tipo de documentação disponível. De facto, Paul Ricoeur considera a história narrativa como aquela que permite a compreensão do passado por intermédio do encadeamento dos factos essenciais. Mas este encadeamento só explica alguma coisa quando é rigoroso, objectivo e completo. Se tal grau de informação se pode alcançar sem dificuldades de maior para a história moderna, não é possível dizer o mesmo para a medieval, e sobretudo para a da Alta Idade Média. Como resolver esta dificuldade? Não nos induz a procurar coisas impos-



Índice remissivo

- ABD ALLAH, Labid b., 200
 Abrantes, 344, 345, 357, 358, 386
 ABRANTES, marquês de, 169
 Abrantes, *castelo de*, 342, 365, 386
 ADELAIDE, D. (rainha de França), 219, 236
 ADRIANO IV (papa), 283, 312, 313, 384
 AERSCHOT, Arnaldo de, 241, 242
 AFONSO I (rei de Aragão), 30, 31, 33, 95, 139, 140, 184, 379, 380
 AFONSO II (rei de Aragão), 187, 227, 287, 290, 334, 343, 384
 AFONSO II, D. (rei de Portugal), 77, 267
 AFONSO III, D. (rei de Portugal), 35, 60, 77, 103, 277
 AFONSO VI (rei de Leão e Castela), 27-34, 39, 44, 47, 48, 52, 56, 63, 79, 89, 96, 137, 141, 144, 148, 157, 158, 208, 231, 288, 379
 AFONSO VII (rei de Leão e Castela), 36, 56, 58-60, 63, 67-69, 81, 83, 86, 93-97, 99, 101, 107, 122, 137-145, 155, 157-159, 165, 168, 172, 173, 184, 187, 190-194, 198, 205, 208, 212-214, 216, 226, 228, 236, 237, 248, 253, 254, 265, 269, 270-273, 277-279, 281, 283, 285, 286, 288-290, 292, 293, 301, 312, 326, 348, 360, 380-384. *V. também*
 AFONSO (grão-mestre da Ordem do Hospital, filho ilegítimo de Afonso Henriques), 228
 AFONSO (arcediago), 70
 AFONSO, Mendo (senhor de Refojos do Lima), 234
 AFONSO, Pedro (alcaide de Abrantes), 229, 234
 AFONSO, Teresa (mulher de Egas Moniz de Ribadouro, *o Aio*), 36, 227, 324
 África, 158, 209, 232
 África, *norte de*, 249
 AGOSTINHO, Santo (bispo de Hipona), 115, 116, 124
 Agreda, 290
 Agueda, rio, 293, 294
 Aguiar da Beira, 99, 294
 Aguiar de Sousa, 51
 AIRES, Pedro (senhor de Valadares), 98
 AIRES, Soeiro (senhor de Valadares), 98
 Aix-la-Chapelle, 241
 AJARAFE, 365, 368
 AL-ABBAR, Ibn, 282
 Al-Andaluz, 155, 165, 198, 201-203, 212, 277, 282, 381
 ALARDO (alcaide), 256
 AL-'ARIF, Ibn, 203
 Alarilla, *castelo de*, 342
 Albergaria-a-Velha, 67
 ALBERTO, mestre (chanceler), 70, 71, 187, 300, 321, 331, 333, 388

Personagem oculta por inúmeras e sucessivas camadas de interpretações ideológicas, quer eruditas quer populares, a figura verídica do primeiro rei de Portugal só muito hipoteticamente se pode reconstituir nas suas dimensões históricas. O mito sobrepõe-se, teimosamente, à história, para justificar a permanência da nação que fundou e justificar a confiança que os cidadãos de todos os tempos têm posto na colectividade a que pertencem. Mas pode-se tentar descobrir como nasceram as diversas narrativas tecidas em torno da sua personalidade, examinar o sentido que tinham quando apareceram e reconstituir os sucessos de que Afonso Henriques foi protagonista principal. Se não é possível traçar-lhe o retrato preciso, pode-se, pelo menos, estudar as suas orientações políticas e administrativas, conhecer os seus principais auxiliares e justificar o êxito da sua obra. Apesar de assim desaparecer o herói sobrenatural, toma inegável relevo o seu talento político e militar e, por conseguinte, o seu direito a ser de facto considerado o rei fundador de Portugal.

Promoção

de 01/01/2022 até 31/12/2022

D. AFONSO HENRIQUE
JOSE MATTOSO
HISTORIA

